CIGARRO FRIO EM NOITES MORNAS

Cesar Ribeiro

Música, luz e fumaça. Um necrotério.
Duas velas estão nas laterais frontais do palco, em castiçais longos.
Três corpos estão pendurados no fundo do palco.
No centro, uma maca branca. Espalhados pelo palco, baldes metálicos.
Uma estante de partitura musical, com um grande livro, está no canto direito do palco, ao fundo.

PRIMEIRO QUADRO

Legista entra lentamente, em direção à maca. Ele é velho e veste roupas pretas. Usa óculos. Sobre a maca há um corpo coberto por um pano branco. Travesti entra correndo. Ele veste roupas igualmente pretas e tem em mãos um paninho. Para. Cai ao chão. Corre novamente, para e cai ao chão. Corre novamente, para e cai ao chão. Enquanto isso, Legista retira o lençol. Travesti, após sua última queda, nina o paninho como se fosse uma criança. A música cessa.

LEGISTA
(*fascinado, olhando o cadáver sobre a maca*) O pulmão.
Todos os pulmões são belos.
Brancos, azuis, cinza.
A nicotina criando uma nuvem de fumaça.
Um pequeno caroço de azeitona.

TRAVESTI
(*ninando a criança*) Dorme, filhinha.
Ninguém vai perturbar seu sono.
(*referindo-se a Legista*) Não ligue para o que ele fala.
(*para o horizonte*) Sei que há um silêncio atravessando a escuridão e um corpo jogado no asfalto.
A multidão em fúria.
(*gritando, imitando a voz histérica de um nonagenário*) "Prendam os mastodontes!"
(*gritando como um pequeno demônio*) "Matem os comunistas!"
(*gritando como uma socialite desesperada*) "Salvem os gafanhotos!"
(*ninando a criança*) Mas a mamadeira está pronta.
O uísque está morno.
Tome... pode beber.
Tudo é sonho.

LEGISTA
(*ainda olhando o cadáver, fala sobre o tumor*) Ele está perdido no horizonte.
Mas também quer vida.
(*bradando*) O tumor também quer vida!
(*para Travesti*) Entende?
A doença é somente uma inversão.
Uma inversão da saúde.
(*mascando as palavras*) Mas apenas do ponto de vista clínico humano.
(*para Travesti, irritado*) O que diriam as bactérias?
Os vírus, as pólvoras, os gorgonzolas?
(*fascinado e demoníaco*) É o mundo clamando vida.
(*rabugento*) A morte é uma mera questão de ângulo.

(*pequena pausa*)

(*meticuloso*) A senhora... acredita em Deus?

(T*ravesti faz um estranho sinal da cruz. Repete o sinal errado mais duas vezes*)

(*após reparar que ele fez o sinal erradamente*) Muito bem. Muito bem.
Não me parece uma crença muito crente.
Mas ainda assim é uma crença.
E é isso que importa.
Olhar para os céus (*Legista aponta para cima*) e ver não apenas uma multidão de estrelas.
(*fascinado e demoníaco*) Mas uma legião de almas correndo de lá para cá...
Transando nas nuvens... assassinando anjos e demônios...
Sentando à mesa para as refeições em família e vomitando o álcool pelas avenidas.
(*pequena pausa. Intimidando*) Ou a senhora também não acredita nas avenidas?
(*furioso, gritando*) É preciso acreditar nas avenidas!
Acreditar que o caminho que leva é o caminho que traz!
E vice-versa. E versa-vice.

TRAVESTI
(*apavorado*) Eu acredito.

LEGISTA
(*orgulhoso*) Muito bem. Muito bem.
(*meticuloso e demoníaco, sobre a filha de Travesti, mascando as palavras*) Mas e a arrotinha?
A arrotinha também acredita?

TRAVESTI
(*apavorado*) Também ela. Ela também.
(*para a filhinha, maternal*) Não é, filhinha?
(*fanático, como um possuído*) Diga para ele que você acredita nos faróis fechados e nas esmolas das esquinas... Nas setas que acendem e apagam... Nas buzinas.
(*gritando*) Nós acreditamos nas buzinas! Nós acreditamos nas buzinas!

LEGISTA
(*sem entender, rabugento*) Nas buzinas?

TRAVESTI
(*fanático*) Sim. Sim.
Elas estão em toda parte.
Nas mãos dos namorados que bolinam nos parques.
Nas aves devoradas pelas turbinas dos aviões.
Nas folhas que se espatifam no chão.
Na baba dos cachorros raivosos.
(*gritando*) As buzinas são onipotentes!
Elas são...

LEGISTA
(*interrompendo Travesti, gritando*) Está bem.
Está bem.
Não precisa gritar!

TRAVESTI
(*recompondo-se*) Desculpe.

LEGISTA
(*numa falsa preocupação com o sono do bebê*) Vai acordar a arrotinha.

TRAVESTI
(*em sua loucura feliz*) Não vai.
Ela não acorda. Nunca acorda.
Uma menina muito educada.
Não dá trabalho algum.

LEGISTA
Nunca?

TRAVESTI
Nunca.
(*corrigindo-se*) Quer dizer...
Uma única vez.

LEGISTA
Uma?

TRAVESTI
(*corrigindo-se novamente*) Ou duas.

LEGISTA
Duas?

TRAVESTI
(*furioso*) Ou dezessete. Que importa?
(*maternal e insano*) Mas eu dei um remédio.
E nunca mais.
Nunca mais ela acordou.

LEGISTA
(*provocador*) Nem para tomar a mamadeira?

TRAVESTI
(*maternal e insano*) Nem pra isso.
Ela não come. Não chora.
(*insano e apavorado*) Não fica espiando as cuecas por trás das fechaduras.

LEGISTA
Cuecas?

TRAVESTI
(*insano e apavorado*) Sim, sim.
Elas escorrem pelas paredes. Brotam das privadas. Saem pelos chuveiros.
As cuecas e o membro ereto.
À espreita de uma carne que se deite na cama.
Como gatas no cio em noites claras.
(*após breve pausa*) O senhor não ouve?

LEGISTA
(*após espreitar o silêncio por alguns instantes*) Absolutamente nada.

(*Travesti faz um gesto com as mãos, chamando Legista, que se aproxima*)

TRAVESTI
(*apontando o horizonte, segredando, apavorado*) Vê as luzes?
As luzes que saem pela fresta das janelas fechadas?

(*Legista faz um aceno positivo com a cabeça*)

(*insano e apavorado, num tom apocalíptico*) Atrás de cada janela há um quarto trancado.
Um quarto trancado e um abajur aceso.
Os clientes entram aos milhares.
Velhos, jovens, crianças.
Deixam o dinheiro na cômoda antiga.
E as camas começam a ranger.
As cuecas jogadas no chão.
Em todos os andares um gemido.
Uma sinfonia de gemidos nas metrópoles.
(*após breve pausa, apavorado*) O senhor compreende?

LEGISTA
Pode me chamar de você.

TRAVESTI
Está bem. (*após breve pausa*) Você compreende?

LEGISTA
Mais ou menos.

TRAVESTI
(*colérico e apavorado*) Os templos estão vazios.
As tevês morreram desligadas.
Nenhum padre para rezar as missas.
Nenhum senador desfilando na assembleia.
Nenhum porteiro nas guaritas.
Onde estão todos?
(*incisivo, gritando*) Diga: onde estão todos?
(*sem esperar resposta, apavorado*) Estão atrás das janelas fechadas.

(*pausa*)

Ainda não ouve nada?

LEGISTA
(*sem nada ouvir*) Absolutamente.

TRAVESTI
(*frívolo*) Pena.
É preciso tratar esse seu ouvido esquerdo.

LEGISTA
Ou o direito.

TRAVESTI
Ou o direito.

(*Legista se levanta*)

(*um tanto desesperado*) Aonde você vai?

LEGISTA
Tenho de preparar a mesa.
Preparar a mesa para o novo paciente.

TRAVESTI
(*sobre o corpo que está na maca*) Mas e ele?

LEGISTA
(*referindo-se ao corpo*) Nós já terminamos por hoje.

TRAVESTI
(*observando o corpo ao longe*) Já?
(*compadecido*) Mas ele parece tão doentinho.

LEGISTA
Não é nada. Apenas uma gripe passageira.
Nada que quinze hortelãs no café não resolvam.

TRAVESTI
(*doce*) Que bom.

(*Legista caminha até a maca, sendo observado por Travesti. Para diante do corpo*)

LEGISTA
A senhora não quer dar uma ajudazinha?

TRAVESTI
(*doce e sensual*) Pode me chamar de você.

LEGISTA
Está bem.
(*após breve pausa*) Você não quer dar uma ajudazinha?

TRAVESTI
(*solícito*) Claro.

(*Travesti coloca cuidadosamente o paninho no chão. Caminha até a maca. Posiciona-se aos pés do corpo. Ambos conduzem o corpo até outro ponto do palco. Colocam-no no chão. Travesti ajoelha-se ao lado do corpo*)

(*sobre o corpo*) Tão bonito.

LEGISTA
(*concordando*) Não acha?

TRAVESTI
(*feliz*) Um galã de novela mexicana.

LEGISTA
Dê uma olhada no fígado.

(*Travesti observa os joelhos do defunto*)

(*irritado*) Minha senhora, aí são os joelhos.

TRAVESTI
(*constrangido e delicado*) Ah claro, que ignorância a minha.
(*equivocando-se na ciência citada*) Nunca gostei de matemática.

(*percebendo que Travesti não sabe para onde olhar, Legista aponta o fígado do defunto. Ele toca no corpo, no lugar indicado por Legista*)

(*frívolo, quase num arrepio*) Tão geladinho.

LEGISTA
A morte tem dessas coisas.
Tornar o ser humano uma espécie de... Chicabon.

TRAVESTI
(*emburrado*) Chicabon?
Por que não Cornetto?

LEGISTA
Ou isso.

TRAVESTI
(*num semidesespero triste*) Mas você disse que era somente uma febre.
Quase um espirrinho no vendaval.

LEGISTA
Acho que me equivoquei.
(*ressaltando o erro de Travesti*) A matemática é uma ciência inexata.

TRAVESTI
(*entristecido, olhando o morto*) Que pena!

LEGISTA
(*caminhando até a maca*) Mas vamos ao que interessa.

(*Travesti permanece fascinado pelo defunto*)

(*apoiando-se com as mãos na maca, amigável*) Quem quer ser a primeira?

TRAVESTI
(*como uma criança feliz, levantando a mão*) Eu vou! Eu vou!

LEGISTA
(*novamente amigável*) Muito bem. Muito bem.
Pode vir.

(*Travesti caminha até a maca. Para ao lado dela. Por baixo do vestido, abaixa a calcinha até os pés, sendo interrompido pelo legista antes de tirá-la por completo*)

(*estranhando*) Mas o que a senhora está fazendo?

TRAVESTI
(*frívolo*) Ora, que pergunta.
Tirando a calcinha.

LEGISTA
(*repreendendo*) Minha senhora, veja bem.
Não sou ginecologista.

TRAVESTI
Eu sei. Sei muito bem.
Mas não quer me bolinar enquanto faz o exame?

LEGISTA
(*histérico*) Não sou bolinador!
Nunca fui um bolinador!
Nenhuma carcacinha aqui jamais foi tocada indevidamente por mim!
(*ainda histérico, tentando esconder o tesão*) Nem as arrotinhas de sete. As arrotinhas de seis. As arrotinhas de três aninhos.
(*furioso*) A senhora se recomponha!

TRAVESTI
(*recompondo-se*) Desculpe.

(*Travesti veste novamente a calcinha. Senta-se na maca. Legista, tentando se recompor de seu acesso de fúria, apanha um auscultador. Começa a examiná-lo*)

(*tendo o peito auscultado por Legista*) O senhor ainda está bravo comigo?

LEGISTA
(*mais calmo, tentando disfarçar a raiva*) Já passou. Já passou.

TRAVESTI
(*alegrando-se*) Que bom.

LEGISTA
(*continuando o exame*) Agora diga trinta e três.

TRAVESTI
Pra quê?

LEGISTA
Faz parte do procedimento.

TRAVESTI
Está bem.
(*após breve pausa*) Mas por que trinta e três?

LEGISTA
O número não importa. O número é um mero detalhe.

TRAVESTI
(*numa espécie de birra mimada*) Não gosto de trinta e três.

LEGISTA
(*impaciente*) Está bem. Está bem.
Que número a senhora prefere?

TRAVESTI
(*feliz*) Setenta e sete.

LEGISTA
Então diga setenta e sete.

TRAVESTI
(*feliz, alto*) Setenta e sete!

(*Legista se espanta. Afasta-se da maca. Travesti olha o horizonte. Legista abre um grande livro, como se estivesse procurando uma informação para comprovar sua suspeita*)

TRAVESTI
(*com os olhos fixos no horizonte, frívolo*) Algum problema?

LEGISTA
(*tentando disfarçar, mas sem saber o que fazer*) Apenas um.
Um problema mínimo.
Coisa pouca.

TRAVESTI
(*frívolo*) Pode falar.

LEGISTA
De acordo com os laudos.
Os laudos da (*valorizando as palavras*) Sacrossanta Matemática.
(*reflexivo, procurando as palavras*) Como direi?
A senhora...
(*incisivo*) A senhora está morta.

(*entra uma música)*

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

SEGUNDO QUADRO
Mesmo ambiente.
Travesti está em pé num canto do palco. Nina o paninho.
Após instantes, entra Legista.
Está num misto de impotência, cansaço, tristeza, raiva e desapontamento.
Senta sobre um balde metálico à frente do palco.

TRAVESTI
(*frívolo e romântico*) Muito trabalho?

LEGISTA
(*cansado, lento e entristecido*) Um pouco.

TRAVESTI
(*frívolo e romântico*) Quer um cafunezinho?

LEGISTA
Aceito.

(*Travesti caminha até Legista. Fica em pé atrás dele, ninando o paninho com uma das mãos e, com a outra, acariciando os cabelos de Legista*)

TRAVESTI
(*acariciando, afetuoso*) Assim está bom?

LEGISTA
(*tentando disfarçar a falta de gentileza*) Um pouco mais para a direita.

TRAVESTI
(*acariciando mais à direita, afetuoso*) E agora?

LEGISTA
(*tentando disfarçar a falta de gentileza*) Um pouco mais para a esquerda.

TRAVESTI
(*acariciando o mesmo local em que estava antes, afetuoso*) E agora?

LEGISTA
Perfeito.

(*Legista apanha um maço de cigarro*)

(*gentil*) A senhora gostaria?

TRAVESTI
Não quero ficar doentinha.

(*Legista pega um cigarro e o acende. Guarda o maço. Fuma*)

LEGISTA
(*entristecido e desapontado, após pausa*) Tão triste.

TRAVESTI
(*afetivo, sem entender*) O quê?

LEGISTA
(*num misto de tristeza e raiva*) O mundo, minha senhora. O mundo.
Esta trilha de insanidades entre dois buracos: o útero e a cova.

TRAVESTI
Também acho.

LEGISTA
(*para si*) Eu li isso em algum lugar.
(*interrompendo-se*) Mas não importa.
O que importa é senhora saber por que estou dizendo estas palavras.
Estas palavras que saem de minha boca e chegam aos seus ouvidos.
(*para Travesti*) E a senhora sabe? Sabe o motivo?

TRAVESTI
(*tentando disfarçar a própria ignorância*) Tenho meus supositórios.

LEGISTA
Pois bem.
Vou noticiar a notícia que noticiada deve ser.
Preste bem atenção.

TRAVESTI
(*como se estivesse diante da grande revelação do mundo*) Estou prestando. Estou prestando.

LEGISTA
(*absurdado com a notícia, após breve pausa dramática*) Explodiram uma Universal em pleno culto.
Deu na Gazeta da Caridade.

TRAVESTI
(*sem entender*) Como assim?

LEGISTA
(*incisivo e entre tristeza e raiva*) Terrorismo, minha senhora.
Terrorismo importado.

TRAVESTI
(*empolgado, como um aluno que sabe a resposta de uma pergunta*) Ah, eu sei.
Aquele papo de Açafrão e Osama Bin Lámen.

LEGISTA
Sim, sim.
Açafrão. Bin Lámen.
(*absurdado*) Choveu pedaço de evangélico para todo lado.
Era cabelo na Mooca e crânio no Jaçanã.
Empacotaram mais de setecentos.
Quarenta e sete churrasquinhos vieram pra cá.

TRAVESTI
(*fascinado, parando de acariciar*) Posso ver? Posso ver?

LEGISTA
(*esbravejando*) Ver o quê?
Parece quadro cubista.
Risoto ao sugo.

TRAVESTI
(*deliciando-se*) Tão gostoso.
Uma pitadinha de gasolina e azeitonas pretas.

LEGISTA
(*furioso*) Minha senhora. Um pouco mais de respeito!

TRAVESTI
(*de modo passivo e encabulado, como uma criança obediente*) Desculpe.

LEGISTA
(*voltando ao tom da narrativa*) A cidade ficou uma bagunça que só não vendo.
Sirenes rasgando as avenidas.
Helicópteros destroçando as aves.
Um exército de abutres espreitando a carniça.
(*após breve pausa*) E há uma parte que muito interessa à senhora e à sua arrotinha.

TRAVESTI
(*empolgado*) Jura?

LEGISTA
(*como num juramento, incisivo*) Por tudo que não há de sagrado.

TRAVESTI
(*empolgado*) Conta! Conta!

LEGISTA
Como estava dizendo...
São setecentos churrasquinhos.
Quarenta e sete vieram para cá.
E sabe o que havia entre eles?

TRAVESTI
(*empolgado*) Fala! Fala!

LEGISTA
(*ressaltando as palavras*) Seis perucas louras.

TRAVESTI
(*desgostoso*) Seis?
Por que não nove?
Ou onze?

LEGISTA
(*minimizando*) Coisas da matemática. Coisas da matemática.
Pois bem, continuando.
(*voltando à narrativa*) Seis perucas louras e seis vestidos.
E quando a senhora medita sobre o assunto...
O que lhe vem à cabeça?

TRAVESTI
(*empolgado*) Comissárias de bordo norueguesas!
Tão chique!
O rímel escorrendo pelas narinas...

LEGISTA
(*interrompendo, irritado*) A senhora está enganada.
Completamente enganada.
Eram seis corpos masculinos dentro dos vestidos.
Os braços aos céus clamando paz, união, dinheiro, moral e os kichutes todos.
E um paninho muito parecido com o seu.
Em braços muito semelhantes aos seus.

TRAVESTI
(*travesti se afasta*) De novo essa conversa?

LEGISTA
(*furioso, esbravejando*) De novo e sempre, minha senhora!
Para frente e avante!
Até que a fubanga entenda de uma vez por todas que uma hora a hora chega.
É o caminho natural das coisas.
(*como numa citação profética e furiosa*) Do seio turbinado... ao verme esfomeado.
(*mudando de tom, clemente, após breve pausa*) Eu sei. Eu sei.
Deve ser difícil entender o que entendido precisa ser.
Mas veja.
(*demoníaco*) O homem é um bicho.
Um bicho com duas patas para apunhalar.
E outras duas para fugir da cena do crime.
A senhora é só mais um número.
Uma estatisticazinha.
Nem culpa tem.
(*após breve pausa, mimando a fé*) Estava lá.
Dialogando com seu surdo criador.
Pedindo saúde para a arrotinha.
Talvez um pouco de pão e leite.
Quem sabe... um membro de 15 metros.
E de repente...
(*mimando a explosão, alto*) Bum!
(*demoníaco*) O corpo preparado para o coito...
Vira suquinho de tomate sem nenhuma fábrica para capitalizar.
Pode ser um pouco triste.
Um pouco prozaquiano.
Mas é como diz o velho deitado:
(*mascando as palavras*) é preciso dar a outra alface.

TRAVESTI
(*irritado*) Mentira. Tudo mentira.
Os corpos não foram divididos?
Olho em Moçambique, nariz no Japão e língua em Mongaguá?

LEGISTA
(*irritado e sem entender*) A senhora é a única que não virou Lego.
Saiu voando como um foguete.
E o que é mais curioso.
Sabe onde a carniça foi encontrada?
(*após breve pausa*) No chapéu de Borba Gato.
(*ao perceber a reação de Travesti*) Isso mesmo. No chapéu de Borba Gato.
Estatelada com um paninho nos braços e a cara de filme de terror oriental.
A multidão em polvorosa abrindo as sombrinhas para se proteger da chuva de fiéis.

TRAVESTI
(*maternal, para o paninho*) Mentira dele, filhinha.
Tudo mentira.
As gentes nascem luz e morrem purpurina.
Sem tiros no asfalto frio.
Sem querosene em praça pública.
Sem urubu para expulsar do ninho.

LEGISTA
Mas deu na imprensa falada, escrita e televisada.
A manchete em letras garrafais.
O discurso dos engravatados para explicar o pagode funkeado.
A senhora não lembra?

TRAVESTI
Lembro. Lembro muito bem.
Um homem veio e...

(*mudança de luz. Travesti coloca o paninho no chão e caminha até outro ponto do palco*)

(*melífluo e grosseiro*) Primeira vez?

LEGISTA (cliente)
(*estranhando*) Como?

TRAVESTI
(*melífluo e grosseiro*) Primeira vez comigo?

LEGISTA (cliente)
(*um tanto encabulado*) Primeira.

TRAVESTI
(*melífluo e grosseiro*) Por que não tira a roupa?

LEGISTA (cliente)
(*um tanto encabulado*) É preciso?

TRAVESTI
(*melífluo e grosseiro*) Ajuda um pouquinho.

LEGISTA (cliente)
Então está bem.

(*Legista tira um cachecol e age como se estivesse nu*)

TRAVESTI
(*encantado e grosseiro*) Muito bom.

LEGISTA (cliente)
(*numa falsa modéstia*) Acha?

TRAVESTI
(*encantado e grosseiro*) Carne de primeira.

LEGISTA (cliente)
(*numa falsa modéstia*) Grato.

TRAVESTI
(*após breve pausa, sobre o serviço a ser executado*) E então? Qual é a pedida?

LEGISTA (cliente)
(*entregando um papelzinho para Travesti*) Está aqui.

TRAVESTI
(*após ler o papel*) Trinta moedas.

LEGISTA (cliente)
Tudo isso?

TRAVESTI
É o preço.

(*Legista apanha as moedas no bolso da roupa que está no chão. Coloca as moedas sobre a maca. Depois, Travesti senta-se no chão*)

(*doce*) Por que não senta ao meu lado?

LEGISTA (cliente)
(*encabulado*) Aí?

TRAVESTI
(*doce*) Sim, aqui. No colo da mamãe.

(*Legista caminha como um menino tímido. Senta-se ao lado de Travesti. Depois se deita com a cabeça no colo de Travesti, que dá uma mamadeira para Legista*)

Está gostoso?

(*mamando, Legista faz assente com a cabeça*)

Um uisquezinho morno. A papinha de sobremesa.
Ovo de codorna e batata Chips.
Bem diferente do programa. Não é, filhinho?

(*agindo como um bebê e mamando, Legista novamente assente com a cabeça*)

Tão triste o Magnólio cozinhar costeleta de caramujo.
Ainda se fosse com umas pitadas de mescalina.
Que nada. Só esparadrapo e arroz-doce.
E o dia em que preparou virado à Quirguistão?
Só deu celebridade vomitando o esôfago em rede nacional.

(*Legista vira-se de costas para o público e de frente para Travesti.*
Apanha a mão dele e a coloca em seu pênis. Travesti começa a masturbá-lo)

O único programa que eu gostei foi quando ele fez orangotango à chinesa.
Tão peludo o orangotango. Tão grande.

LEGISTA (cliente)
(*com a mamadeira na boca, excitado*) Grande.

TRAVESTI
(*masturbando Legista*) Aquela carne vermelha... macia...

LEGISTA (cliente)
(*com a mamadeira na boca, excitado*) Dura.

TRAVESTI
(*masturbando Legista e corrigindo-se*) Sim, sim.
Aquela carne vermelha... dura. Tão dura.
Um mastro apontando para a Lua.
Os mares e as marés. Os navios piratas.

LEGISTA (cliente)
(*com a mamadeira na boca, excitado*) Piratas.
A perna-de-pau. O papagaio nos ombros.

TRAVESTI
(*masturbando Legista*) Os nativos famintos.
Quebrando pescoços de avestruzes para conseguir um pedaço da iguaria.
A semente nos jardins da Babilônia.
O despertar da civilização.
Um novo mundo de confetes e serpentinas.
Moby Dicks em chamas.
Casanova e a Repressão.

LEGISTA (cliente)
(*muito excitado*) Casanova. Dicks em chamas.
Gonorreia, sífilis, cancro mole, cancro duro, molusco contagioso.

TRAVESTI
E no altar as nádegas cimentadas e o grande membro ereto.
O cérbero sexual.
Três cabeças. Três jatos de líquido pastoso.
Trezentos e cinquenta e sete quilômetros de comprimento.
Duzentos e quinze de largura.
A revolução da agricultura intergaláctica.
Regando todas as plantações de bocas e vaginas e cus e orelhas.
A felicidade da população.

LEGISTA (cliente)
(*no clímax sexual*) A felicidade da população o gozo sacrossanto as turbinas das usinas nucleares o centro da Terra magma quente úmido pastoso jorrando das montanhas de Salomé candidíase herpes condiloma acuminado linfogranuloma venéreo pesticida herbicida cada mamute no seu galho as trompas de ópio e o orador na tribuna martelando saguis vietnamitas que vieram para a cerimônia todos os números reduzidos a um a saliva e a baba do sono o gosto de amanhecer o pão requentado o pinguim na geladeira e o último acorde do hino nacional todos preparados para a grande bênção do magnânimo ditador a minha benção... recebam o sangue...

(*subitamente, volta a luz anterior. Travesti se levanta e apanha o paninho. Legista abandona o papel de cliente e fica desesperado, na iminência de gozar, mas sem o clímax*)

(*desesperado*) Mas... mas o que é isso?
Por que parou? Parou por quê?
(*demoníaco e furioso*) É preciso terminar a história!

TRAVESTI
Já terminei.

LEGISTA
(*entre a fúria e o desespero*) Assim?
Mas a narrativa não tem pé nem tornozelos!
Não começa... não termina.
Não permite a apoteose na Marquês de Sapucaí.

TRAVESTI
(*um tanto emburrado*) Não gosto do final.

LEGISTA
(*entre a fúria e o desespero*) Que importa seu senso estético?
Interessa cativar a audiência.
Conquistar o rebanho.
Agradar o púbico.

TRAVESTI
Hoje só amanhã.

LEGISTA
(*entre fúria, desespero e semichoro*) Mas é preciso continuar. Continuar sempre.
Desordem e progresso.
Progresso e desordem.

TRAVESTI
(*bronqueando*) Silêncio!
Vai acordar minha filhinha.

LEGISTA
(*furioso*) A arrotinha não acorda. Nunca acorda.
É apenas um pedaço de trapo velho.
Sem choro nas madrugadas.
Sem fralda esmerdeada.
Sem berço ou rosto.

TRAVESTI
(*ninando o paninho e sentando na maca*) Não liga para o que ele fala, filhinha.
É um homem triste.
Triste como um campo sem batalha.

LEGISTA
(*esbravejando*) Mas minha senhora.
A senhora é um senhor.
Sem cavernosa, sem melancias, sem rasgo.
Apenas um pêndulo mole entre as pernas.
E homens não geram vida.
Geram morte. Somente morte.
Uma fila de condenados beijando a guilhotina.

TRAVESTI
Mentira. Mentira sua.
Um nascimento tão lindo.
Eu estava no dentista e...

(*mudança de luz. Legista corre até Travesti, que, em meio ao tratamento dentário, movimenta-se como se estivesse em trabalho de parto. Nesse movimento, esconde o paninho atrás da maca*)

(*com dor*) E então, doutor? É grave?

LEGISTA (dentista)
(*sádico e demoníaco, em meio ao exame*) Muito. Muito.
Já tirei trinta e nove abacates do canino direito.
Mas um ainda não está pronto. Pronto para sair.

TRAVESTI
Por que não passa o aspirador?

LEGISTA (dentista)
(*sádico e demoníaco, em meio ao tratamento*) A língua, dona fubanga.
É perigoso sugar a língua.
Prejudicaria sua profissão.

TRAVESTI
(*constrangido*) Ah claro, que ignorância a minha.
(*equivocando-se na ciência citada*) Nunca gostei de geologia.

LEGISTA (dentista)
(*sádico e demoníaco*) Agora a dona fubanga fique quietinha.
Quietinha como num fellatio.
Com num fellatio.

(*Travesti fica quieto. Legista começa a ver o corpo da criança*)

(*sádico e demoníaco*) Mas respire. Respire.
Fábrica de tijolos e câncer.
Câncer e fábrica de tijolos.

(*Travesti respira como num trabalho de parto*)

(*em sua felicidade demoníaca*) Já estou vendo o terceiro pododáctilo esquerdo!
Os ombrinhos e as jabuticabas.

(*Travesti começa a sentir ânsia de vômito e se vira de costas para o público, prestes a vomitar*)

(*furioso*) Um momento. Um momento.
Sem vômitos no carpete novo.
Sem vômitos no carpete novo.

(*corre para apanhar um balde metálico e o coloca diante de Travesti*)

(*em êxtase endiabrado*) Pronto. Agora está tudo em ordem.
Pode vomitar a arrotinha. Vomitar a arrotinha.

(*Travesti movimenta-se até vomitar. Legista pega o pano que está no balde e dá para Travesti, que se vira de frente para o público, ninando o paninho. Enquanto está se virando, volta a luz anterior*)

TRAVESTI
(*feliz e maternal, ninando o paninho*) E minha filhinha nasceu.
Para curar os rotos e rasgados.
Os achados e perdidos.
Um farol na Via Dutra.

(*caminha para a frente do palco. Para*)

(*para o paninho, maternal. Enquanto fala seu texto, Legista se veste*) Tudo preparado.
O abajur, o berço e as ovelhas.
Primeiro... beber o leite.
Depois... preparar o arroto.
Por último... o silêncio. O pequeno silêncio.
Todas as tintas para povoar o vazio.
Você conhece as cores?
Entende a forma bruta do espaço e da tela?
Um homem grita sozinho no deserto. O sol como companhia. Mas tudo está escuro.
Do outro lado há um oásis. Água e petróleo. Ninfas vietcongues banhando-se nuas.
Ao fundo duas estrelas anãs e um circo. O palhaço sem máscara sorri. Gargalha. Murmura.
Três pedintes imóveis ajoelhados na frente do quadro. Uma manjedoura vazia. A criança partiu.
Qual estrada ela seguiu?

Quais os passos para escapar da madeira? Dos números? Dos desolhares?
Calçar o tênis... amarrar os cadarços... abrir a porta.
Pé após pé. O asfalto e o sonho.
Um rosto masculino esfumaçado no horizonte.
Então ele dirá...

(*mudança de luz*)

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*orgulhoso*) Está pronto.

TRAVESTI
(*sem entender*) O quê?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*mais orgulhoso*) O mundo!

TRAVESTI
(*decepcionado, olhando o horizonte*) Está?
(*após breve pausa*) Eu pensei que fosse mais...

LEGISTA (homem esfumaçado)
Mais o quê?

TRAVESTI
(*decepcionado*) Mais belo.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*constrangido*) Desculpe. Desculpe. Eu tentei.
(*tentando se explicar*) Sabe como é... não cabia no budget.
A luz... as montanhas... as cores... os homens...

TRAVESTI
(*espantado*) Homens?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*constrangido*) Sim. Os seres humanos.
Fora isso... toda a verba gasta em publicidade.
(*decepcionado consigo*) Eu era um iletrado naquela época.
Sem verbo, escolas, universidades...
História, arquitetura, filosofia...
E não havia Broadway ou Hollywood.
Nenhuma referência.
(*entristecido*) Fiz o melhor que pude.

TRAVESTI
(*triste*) Entendo.

(*Legista senta-se em um balde*)

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*após pausa, doce*) Está dormindo?

TRAVESTI
(*maternal*) Está.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*triste*) Tão breves os silêncios.
Tão longas as palavras.

(*pausa*)

(*tentando encontrar alguma resposta positiva à criação*) Mas escuta... nem o sol?

TRAVESTI
Quente demais.

LEGISTA (homem esfumaçado)
A chuva?

TRAVESTI
Úmida demais.

LEGISTA (homem esfumaçado)
A primavera?

TRAVESTI
Florida demais.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Os olhos?

TRAVESTI
Coléricos demais.

LEGISTA (homem esfumaçado)
O amor?

TRAVESTI
(*sem entender*) Como?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*reafirmando*) O amor.

(*Travesti gargalha. Legista sente-se ofendido*)

(*numa espécie de lamento enfurecido*) Uma criação inútil.

TRAVESTI
(*sem entender*) O quê?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*como se estivesse cuspindo*) A vida.

(*Travesti abraça forte o paninho, buscando autoproteção.*
Durante o texto do Legista, Travesti senta-se no chão)

(*numa espécie de depressão enfurecida*) Levantar. Tomar o café. Escovar os dentes.
Trocar de roupa. Cansar-se no trabalho. Comer. Escovar os dentes. Cansar-se novamente.
Sentar num bar. Beber. Vomitar.
Voltar para casa. Cambaleante.
Ligar a televisão.
Assistir ao mundo: fome, guerras, doenças, crimes, invejas, vaidades...
Sentar à mesa. Comer. Escovar os dentes.
Deitar.
Um mínimo de sexo.
E recomeça tudo novamente.
Em busca de alguns trocados.
Melhores produtos...
Melhores casas para deitar e levantar e tomar o café e escovar os dentes.
Melhores caixões...
(*após pausa, depressivo e indignado, para si*) É esta a minha criação?
Seria melhor...

TRAVESTI
(*assustado*) O quê?

LEGISTA (homem esfumaçado)
Dormir.

TRAVESTI
Dormir?

LEGISTA (homem esfumaçado)
Um sono tranquilo.
Sem sonhos ou pesadelos. Sem este espelho invertido.

(*pausa. Legista caminha até perto de Travesti*)

(*tentando seduzir logicamente, doce*) Veja.
Uma criança dorme. Parece tocar os anjos.
Não acha?

TRAVESTI
(*doce e maternal*) Tão bela.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*num tom pesado*) E depois?
(*após pausa, raivoso*) Choro... grito... traições... culpa... envelhecimento... morte.

TRAVESTI
(*entristecido*) Tem certeza?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*num tom pesado*) É a lógica da estrada.
Cigarro frio em noites mornas.
Sempre incompleto. Sempre faltando. Sempre imperfeito.
Uma última bituca.
Fumada às pressas.
Em meio ao desespero das ambulâncias.

TRAVESTI
(*num semipavor*) Ambulâncias?

LEGISTA (homem esfumaçado)
Sim. Sim.
Eram setecentas faces.
A igreja. A explosão.
Seiscentos e noventa e nove gritos... e um único silêncio.
Não teve tempo para berrar.

TRAVESTI
(*compadecido*) Não sentiu dor?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*absurdado*) Sentiu. Mas preferiu ignorar.
Fingir que tinha pulmão... braços... pernas... tronco... cabeça...
Não ver a macarronada esparramada no concreto.
E também não queria incomodar a vizinhança semidesperta.

TRAVESTI
(*em sua ignorância e frivolidade*) Detesto acordar dormindo.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*sôfrego*) Eu também. Também eu.
Tantas chamadas, preces, lamentos.
Impossível um minuto de descanso.

TRAVESTI
(*compadecido*) Coitadinho.
Quer sonecar um pouquinho?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*compadecido de si mesmo*) Agora não.

TRAVESTI
Não está com soninho?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*compadecido de si mesmo*) Coisa pouca. Coisa pouca.

TRAVESTI
Se quiser é só avisar.
Preparo o berço e a mamadeira.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*compadecido de si mesmo*) Muito grato. Grato muito.

(*longa pausa*)

Mas escuta...
Há uma coisiquinha que gostaria de perguntar.
A senhora permite?

TRAVESTI
(*doce*) Você.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*sem entender*) Como?

TRAVESTI
(*doce*) Pode me chamar de você.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Está bem.
Como eu estava dizendo...
Há uma coisiquinha que gostaria de perguntar... a você.

TRAVESTI
(*doce*) Sou toda orelhas.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*intrigado*) Quando ocorreu a passagem?

TRAVESTI
(*sem entender*) Passagem?

LEGISTA (homem esfumaçado)
Sim, sim. A morte.

TRAVESTI
(*muito assustado*) Quem morreu?

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*incisivo*) Ora, minha senhora. Você morreu.

TRAVESTI
(*espantado, sem entender*) Morri? Quando?

LEGISTA (homem esfumaçado)
Mas é exatamente isso que gostaria de saber da senhora.
(*corrigindo-se*) Quero dizer... de você.

TRAVESTI
(*ainda espantado*) Mas eu não morri.
Estou aqui... vivinha da Fonseca.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Mas a senhora não se chama Damião Martelinho de Ouro?
Quero dizer... Genoveva Martelinho de Ouro.

TRAVESTI
(*assente com a cabeça*) Sim.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Pois bem. Tenho aqui no meu Grande Livro...

(*Legista caminha até o livro*)

(*chamando o Travesti para perto*) A senhora poderia fazer a gentileza...

(*Travesti caminha até o Legista*)

(*mostrando o livro*) Veja. Veja esta página.

TRAVESTI
Que tem?

LEGISTA (homem esfumaçado)
O que a senhora vê aí?

TRAVESTI
Nomes. Diversos nomes espalhados.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Reconhece algum?

TRAVESTI
Nenhum.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*apontando um nome*) Que tal este?

TRAVESTI
(*encantado*) Muito bonito.

LEGISTA (homem esfumaçado)
A senhora entende a correlação entre nome e pessoa?
Entende que um nome... por assim dizer...
Veste a pessoa?
Que a pessoa é o nome e o nome é a pessoa?
E vice-versa?

TRAVESTI
(*triste*) Entendo.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Muito bem. Muito bem.

TRAVESTI
(*triste*) Grata.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Este nome... é você.
Ele adere a você. Representa você.

TRAVESTI
(*desesperado, afastando-se*) Mentira.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Minha senhora... eu não posso mentir.
Está no contrato.
Você... que é uma mulher da igreja...

TRAVESTI
Serva.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Sim. Sim.
Você... que é uma serva da igreja... deveria entender.
Não é verdade?

(*Travesti assente com a cabeça*)

Cerveja bem...
Eu tracei uma rota.
Nascer... comer e trepar para outro nascer... e morrer.
Em meio à estrada pode haver alguns percalços...
Doenças... tiros... atropelamentos... esquartejamentos... incendiários em praça pública.
É um mundo finito. Sem espaço para tanta gente.
E é preciso valorizar o novo.
Ninguém quer uma infinidade de Nosferatus circulando nas metrópoles.
Avôs de mil e trezentos anos.
Compreende?

(*Travesti assente com a cabeça*)

Muito bem. Muito bem.
(*após breve pausa*) Dito isso... é preciso que a senhora compreenda outro... digamos... tópico.

TRAVESTI
(*pesaroso*) Pode falar.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Não se pode interromper o caminho natural dos fatos.
Há um homem que precisa trabalhar. Ganhar o sustento cotidiano.
E essa situação... "I see dead people"... a nada conduz.
Imagine...
Nenhuma lápide...
Nenhuma cova para receber os sofrimentos alheios...

Nenhum cafezinho no enterramento.
É preciso considerar a existência dos outros e a própria inexistência.
Deixar de ser um peso para os órgãos públicos e tornar-se apenas um número.
Uma memória talvez.

TRAVESTI
(*pesaroso*) Entendo.

LEGISTA (homem esfumaçado)
Pois é.
(*como um grande sábio*) Uma coisa é uma coisa. Outra coisa... é outra coisa.

TRAVESTI
(*pesaroso*) É verdade.

LEGISTA (homem esfumaçado)
(*após longa pausa*) A senhora gostaria de deitar um pouquinho?

TRAVESTI
(*pesaroso*) Só um pouquinho?

LEGISTA (homem esfumaçado)
Claro. Claro. Ao lado do criador.

(*Travesti assente com a cabeça*)

Estranha palavra: cria... dor.

(*Travesti caminha até a maca. Prepara-se para deitar, mas fica com o tronco para cima. Entrega o paninho para o Legista, que o coloca na frente no palco. Abre uma fresta no local em que seria o rosto do bebê. Vê-se o rosto de um coelho de pelúcia. Legista volta até a maca*)

Está confortável?

(*Travesti assente com a cabeça*)

Muito bem. Muito bem.
(*após pausa*) Agora é preciso continuar.
Continuar o procedimento.
(*após pausa*) A senhora entende?

TRAVESTI
(*pesaroso*) Entendo.

(*Travesti deita. Legista cobre-o com um lençol. Ajoelha-se no chão*)

Vou rezar por você.

(*começa a rezar. Ao mesmo tempo, entra uma música*)

FIM DO SEGUNDO QUADRO

TERCEIRO QUADRO
Mesmo ambiente.
Legista e Travesti entram.
Legista fica em pé, parado.
Travesti ajoelha-se no chão.
Ambos estão com guarda-chuvas pretos.

TRAVESTI
(*romântico e feliz*) Tão bonito.

LEGISTA
(*amigável e feliz*) Não acha?

TRAVESTI
(*feliz*) A defunta nem parecia que morreu.
A cara de paisagem taitiana.

LEGISTA
(*amigável e feliz*) Pois é.

TRAVESTI
(*alegre*) E o público?
Quinzes Maracanãs lotados...

LEGISTA
(*ressaltando, alegre*) E uma multidão furibunda sem ingresso!

TRAVESTI
(*fascinado, após breve pausa*) Tantos homens belos na cerimônia...

LEGISTA
(*professoral e intenso*) O corpo...
O corpo não é um mero detalhe... uma prisão da alma...
(*resmungando*) Como se houvesse alguma alma a ser construída... destruída...
Não basta pensar... falar... mutilar?
Correr de um lado para outro à espera de um significado?

TRAVESTI
(*sem entender*) Significado?

LEGISTA
Sim.
(*empolgado*) Está estampada nos grossos livros.
Nas preces dominicais.
Nos corpos nus que se esparramam na grama.
Nos programas de auditório.
É o segredo da existência.

TRAVESTI
(*empolgado*) O quê?

LEGISTA
(*ressaltando, empolgado*) A informação!

TRAVESTI
(*sem entender*) Como?

LEGISTA
(*empolgado*) Aquilo que nos distingue dos insetos esmagados pelos sapatos.
Dos gorilas que sobem árvores em busca de comida.
Dos chacais que mascam carne crua.
(*após breve pausa, maravilhado*) Depois de tantos séculos de escuridão...
Enredado em um mundo inculto...
Sem palavras, livros, imprensa, rádio, televisão, tablets, smartphones...
Eis que o homem finalmente pode...
Do alto de sua glória...
Acessar toda informação...
Adquirir o conhecimento para tornar-se...
Um grande sábio que reinará...

(*subitamente, o Legista se contrai, sentindo uma grande dor de estômago*)

TRAVESTI
(*assustado*) Que foi?

LEGISTA
(*com dor, contraindo-se, ressaltando as palavras*) Aquele pastelzinho.

TRAVESTI
(*como numa briga de casal*) Já falei que você não pode comer essas coisas à noite.
Mas você não escuta.

LEGISTA
(*com muita dor*) Com licença.

(*Legista sai de cena correndo, com o guarda-chuva e o corpo contraído*)

TRAVESTI
(*falando com o coelho de pelúcia*) Queria tanto que você estivesse lá.
Mamãe deitada na cova...
Os olhos brilhantes como estrelas festivas.
A tempestade caindo e limpando o sonho.

(*Legista volta à cena, ainda com o corpo todo contraído. Travesti olha para ele, que aparenta estar sem graça. Legista apanha um jornal que está dentro de um balde. Sai correndo*)

(*feliz e esperançoso*) Tanta gente bonita no mundo.
Tantos caminhos... tantas possibilidades...
O sol desperta todos os dias.
Uma nova promessa de amanhã.
Os rostos felizes saem da cama.
Corpos talhados em horas de musculação.

Mentes brilhantes em faculdades primorosas.
Todos preparados para o verão... as praias... o sexo.
Os reality shows.
(*apontando uma direção*) Esse caminho...
Esse caminho leva para o Himalaia.
(*apontando outra direção*) Esse... para Paris...
(*apontando outra direção*) Esse... para Osasco.
Caminha... caminha...
A estrada leva e a estrada traz.
Os cabelos penteados ao vento.
Sem direção... sem identidade...
(*para o coelho*) Está ouvindo, filhinha?
Que sonho você sonha?
Os cenobitas e os quinze anões?
Uma fileira de duendes no jardim prontos para o carnaval?
(*cantando em baixa voz*) "Ô abre alas que eu quero cantar.
Ô abre alas que eu quero cantar.
A voz da morte vai me embalar.
A voz da morte vai me embalar."
(*feliz*) Mamãe já foi cantora, sabia?
(*sonhador e nostálgico*) Todos os dias...
Antes de ir para o trabalho...
Mamãe cantava uma cantiga no chuveiro.
Para alegrar os ralos e as privadas e os espelhos.
As gotas d'água pareciam sorrir.
Todos os xampus dançavam comigo.
Faziam a corte.
As prateleiras enciumadas.
(*ressaltando*) Mas eu nunca roubei o marido de ninguém.
(*melífluo*) Não tinha culpa se eles faziam fila para me ver.
Para deitar comigo.
(*lembrando, feliz e nostálgico*) A primeira vez que ele veio...
Eu sabia. Sabia que era ele.
Tão lindo... vestido de preto.
Chegou todo tímido.
Uma flor rosa na mão esquerda...
E na direita um pau negro.
A chuva que caía... fininha...
Disse que trabalhava num necrotério.
Que via mortos o tempo inteiro.
E que eu era quase uma miragem no matadouro.
A mulher mais linda que ele viu.
(*entristecendo-se, após breve pausa*) Quando aconteceu...
A gente estava na igreja...
O culto à palavra do senhor.
(*como se ouvisse o coelho*) Como?
Não, não a sua.
(*apontando aos céus*) Do senhor.
(*voltando à narração*) Ele estava feliz como um galo limpando a garganta para o fim da madrugada.
Disse que me amava...
Que eu era tudo para ele...

E que não imaginava um minuto sem meu corpo.
Deu uma respirada profunda e ajoelhou.
(*para o coelho*) Você entende? Entende?
Ele ia fazer a pergunta. Ia perguntar se eu...
(*triste*) E então aconteceu. A explosão.
Os corpos virando suquinho de tomate.
(*após pausa*) Coitadinho... nem sabe que também morreu.

(*Legista retorna à cena, com o jornal em mãos*)

(*doce*) Melhorou?

LEGISTA
(*empolado*) Estou profundamente aliviado.
(*sacana*) Já o banheiro...
Parece uma cena de Alien.

TRAVESTI
(*enojado*) Que noja!

LEGISTA
Imagina.
Como dizia o grande metafísico norueguês:
(*como um grande sábio*) Romance é cheirar a merda do outro.

TRAVESTI
(*numa falsa contrariedade*) Sei, sei.

(*Legista senta em um balde e começa a ler o jornal*)

E então?
O que quer para o jantar?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Linguiça.

TRAVESTI
Acabou.

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Picanha.

TRAVESTI
Acabou.

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Peixe.

TRAVESTI
Acabou.

LEGISTA
(*resmungando, sem tirar o olho do jornal*) Que tem então?

TRAVESTI
Frango.

LEGISTA
(*resmungando, sem tirar o olho do jornal*) De novo?

TRAVESTI
(*resmungando*) Por que "de novo"?

LEGISTA
(*resmungando, sem tirar o olho do jornal*) A gente comeu frango ontem... e anteontem... e antes de anteontem... e antes de antes de anteontem...

TRAVESTI
(*resmungando*) E daí?

LEGISTA
(*resmungando, sem tirar o olho do jornal*) E daí que não quero comer frango de novo.

TRAVESTI
(*resmungando*) Então você precisa ir ao mercado. Estou morta de cansada.

LEGISTA
(*após pausa, resmungando, sem tirar o olho do jornal*) Bom... que seja frango então.

(*pausa*)

(*sem tirar o olho do jornal*) Por falar em morte... você viu quem morreu?

TRAVESTI
Quem?

LEGISTA
(*solene, sem tirar o olho do jornal*) Ivan Lins.

TRAVESTI
(*espantado*) Jura?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Está aqui.
Na Gazeta da Caridade.

TRAVESTI
Outro atentado?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
(*como se começasse um jogo de adivinha*) Câncer?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
Cirrose?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
Tiro?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
Suicídio?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
Atropelamento?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
Afogamento?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
Envenenamento?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Não.

TRAVESTI
Câncer?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Você já falou isso.

TRAVESTI
O que foi então?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal, solene, mascando as palavras*) Bala Juquinha.

TRAVESTI
(*sem entender*) Bala Juquinha?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Pois é. Engasgou com uma bala Juquinha.
Só descobriram três semanas depois.
O cheiro da carniça já estava chegando a Xique-Xique.

TRAVESTI
Mas e os fãs?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Ora... é o Ivan Lins.

TRAVESTI
(*entristecido, após pausa*) Que triste.

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal, como um grande sábio*) É a vida.
Um dia... você está sorrindo para o catchup.
No outro... está sentado no meio-fio com a boca estirada e os cachorros lambendo o beiço.

(*pausa*)

TRAVESTI
(*empolgado*) Já ia esquecendo.
Sabe quem vem para almoçar amanhã?

LEGISTA
(*sem tirar o olho do jornal*) Quem?

TRAVESTI
(*empolgado*) Mamãe!

LEGISTA
(*parando de ler o jornal, rabugento*) De novo?

TRAVESTI
(*irritado*) Como "de novo"?
Faz três meses que ela veio aqui.

LEGISTA
(*rabugento*) Exatamente.
Podia vir daqui uns três anos.

TRAVESTI
(*irritado*) Você é muito chato.

LEGISTA
Você sabe muito bem que sua mãe não gosta de mim.

TRAVESTI
(*resmungando*) Também... com toda a sua simpatia.

LEGISTA
(*resmungando*) Ela também não é das mais agradáveis.

TRAVESTI
(*magoado*) Eu sei. Eu sei.
Mas é minha mamãe.
Cuidou de mim a vida inteira.
Deu banho... carinho...
Foi ela que me colocou na vida.
Você podia fazer um pouco de esforço para me agradar.

LEGISTA
(*um tanto contrariado*) Está bem. Está bem.

TRAVESTI
(*empolgado*) Jura?

LEGISTA
Juro.

(*feliz, Travesti corre até Legista. Senta-se no colo dele*)

TRAVESTI
(*doce*) Você é tão bonito.

LEGISTA
(*num chamego romântico*) Lindo.

TRAVESTI
(*doce*) Lindo.
Meu Denzel Washington.

LEGISTA
(*doce*) Você também.
Minha Zezé Motta.

(*Travesti se aconchega no colo de Legista. Pequena pausa*)

TRAVESTI
(*meigo*) E se a gente dançasse um pouquinho?

LEGISTA
(*num resmungo cotidiano*) Justo hoje?

TRAVESTI
(*sem entender*) Por quê?

LEGISTA
Vai ter jogo daqui a pouco.

TRAVESTI
(*numa semi-irritação*) De novo?

LEGISTA
(*entre alegria e apreensão pela partida*) Esse é importante.
É a final do campeonato.

(*pequena pausa*)

TRAVESTI
(*meigo*) Só um pouquinho.

LEGISTA
Estou tão cansado.

TRAVESTI
(*numa meiguice entristecida*) Faz tanto tempo que a gente não dança.

LEGISTA
Eu sei... eu sei.
(*após breve pausa*) Pode ser amanhã?

TRAVESTI
(*na expectativa*) Promete?

LEGISTA
Prometo.

TRAVESTI
(*alegrando-se*) Então está bem.

(*pequena pausa*)

(*sonhador*) Lembra como era no começo?
Depois que eu descobri que estava morta?
A gente dançava todo dia.

LEGISTA
(*numa pequena reclamação*) E transava também.

TRAVESTI
É verdade.

(*pausa*)

(*num jogo típico de casais*) E se a gente dançasse um pouquinho...
E depois transasse um poucão?

LEGISTA
(*resmungando*) Vai ter jogo daqui a pouco.

TRAVESTI
(*refazendo a proposta, no mesmo tom*) E se a gente dançasse um pouquinho...
E depois transasse um pouquinho?

LEGISTA
(*começando a se empolgar com a proposta*) Antes do jogo?

TRAVESTI
Claro.

LEGISTA
(*empolgado*) Então está bem.

(*entra uma música. Os dois começam a dançar. Depois de algum tempo, a música para e Legista avança para a frente do palco. Travesti continua dançando, como se ouvisse a música e estivesse com o Legista ao lado*)

O caminho deve estar limpo.
Nenhuma folha...
Nenhuma pedra...
Nenhum sangue.
Corpos passam... Abraços passam... Momentos passam...
Seriam momentos nulos?
Um castelo de areia pronto para ser destruído?
(*após breve pausa*) Eu vejo nos parques...
Eu vejo nas escolas...
Eu vejo nas novelas...
Eu vejo nos lares...
Diversos sorrisos espalhados... os dentes à mostra...
Pérolas brancas com carne incrustada.
(*após breve pausa*) O que é isso que chamam de felicidade?
Mergulhar em livros... academias... igrejas... sexo... drogas... filhos?
(*após breve pausa*) Uma mulher dança ao som de uma música invisível.
Ou um homem...
Que música ela dança?
Que canção a trouxe aqui?
Quais sorrisos ela sorri?
(*após pausa*) Vejo hambúrgueres gordurosos nos bares.
A cerveja gelada.
Um garoto passa com seu celular tocando.
Pagode... axé... funk... sertanejo...
Ela continua bailando... não importa a música.
Um cachorro para e ameaça espiar a cena.
Mas ele só está à procura de um poste.
E é isso.

O cachorro está à procura...
A bailarina surda está à procura...
Os corpos secos estão à procura...
(*após breve pausa*) À procura de quê?
Que chama é essa que ora se acende e ora se apaga?
Com medidas e desmedidas?
Geme-se de prazer...
Geme-se de dor...
Aquele que nasce e aquele que morre.
Cadáveres empilhados nas fogueiras...
Nas câmaras de gás...
Nas diversas cruzes espalhadas.
(*após breve pausa*) Há um nome na lápide.
Sempre há um nome na lápide.
Aquele foi poeta.
Inspirou duas gerações de poetas.
A terceira não sabe que ele existe.
Aquela amou muito.
Deixou três filhos.
Dizem que foi feliz.
Aquele outro foi um grande ator.
Construiu teatros com seu nome e ganhou rios de dinheiro.
Seu poodle vestia-se sempre com roupas de seda chinesa.
Aquele foi pintor.
Não pintor de quadros... pintor de paredes.
Trabalhava de sol a sol e de chuva a chuva.
No intervalo... jogava bola com os amigos e era feliz.
Aquela chiou... resmungou... brigou... chorou...
Enterrou sete maridos.
Não envenenou nenhum.
E gostou de todos.
Morreu procurando o oitavo.
(*após breve pausa*) Só fica uma pergunta...
Pairando no ar como uma densa névoa:
Se todos são felizes...
Se o mundo é esta multidão de homens de sucesso...
De sujeitos que cantam suas glórias aos quatro cantos...
Onde estão os monstros... os assassinos... os preconceituosos... os humilhados... aqueles que desprezam... aqueles que gritam... aqueles que choram... aqueles que odeiam... aqueles que sofrem?
Com tanta felicidade esparramada...
Por que o mundo...
Continua...
Esta miséria?

(*Travesti congela numa posição da dança. Após alguns instantes, Legista vai para perto de Travesti. Encaixa seus braços nos braços dele. Entram sons de sinos. Ambos retomam a dança. Aos poucos, a luz vai baixando até se apagar. Os sinos continuam tocando na escuridão)*

FIM